

A MODA LÍRICA DA LINHA

Adriana Bighetti¹

Luiz Fernando R. Marzolla²

Resumo

O estudo se refere ao procedimento desenvolvido na confecção de peças-traje produzidas a partir da ideia de linha como também da sua materialidade. É uma leitura conceitual e prática de algumas abordagens do processo de criação do linheiro, que utilizando como suporte, a linha, projeta a partir de conteúdos subjetivos a materialidade da mesma.

A construção da linha e sua pluralidade

A linha é considerada um elemento gráfico quando empregamos um traçado que é visível, para representá-la conceitualmente. Ao mesmo tempo simples, enquanto material e complexa, no que se refere à estrutura do fio, pois o seu manuseio é dificultado pela multiplicidade da sua forma e por ser uma entidade absolutamente abstrata no conteúdo. É um meio de criar superfícies-espacos que surgem do filamento e da inscrição de um traço visível com formato, tamanho, cor e textura. É a flexão de um deslocamento em profundidade, marcado por seu formato bidimensional, pela sua configuração aparente não só por seu comprimento, e também, pela sua largura. Pode ser um rabisco, um gesto determinado por um movimento que traça um percurso imaginário possibilitando a noção de construção dessa linha no espaço, conseguindo sua visualização no ato da ação.

A linha pode ser considerada um elemento secundário em relação ao ponto. O ponto é um elemento estático, a linha é o rasto do ponto em movimento à medida que um ponto se move, sua trajetória se torna uma linha, é limitada por pontos. Este deslocamento do que está inerte pode ser observado no movimento do corpo humano, o ato de caminhar é o ato de esfolar a superfície pela qual este corpo passa ou imprime sua massa corpórea no chão, criando assim um sulco no trajeto percorrido.

Portanto, com essa linha imaginária demarca-se o percurso espacial desarticulado por este corpo. Este trajeto ou extensão percorrida pela linha, esta extensão pode ser representada por formatos geométricos ou orgânicos. A natureza da geometria imprime um caráter mais rígido na construção das retas e dos círculos, são

¹ Adriana Bighetti – Arquiteta e Profª. Universitária dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Moda do Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto.

² Luiz Fernando R. Marzolla – Arquiteto e Prof. universitário do Curso de Moda do Centro Universitário Moura Lacerda e Unifran.

determinadas a partir do ponto. A linha de menor distância é a reta entre dois pontos, a circular é um ponto (centro fixo) que através de uma medida do raio desloca-se por ângulos determinados, construindo formatos em círculos ou fragmentos de circunferências. O formato orgânico, é um padrão alternado em uma ou mais direções, podendo assim, resultar em ondulações.

Gesto e rasto são ações que descrevem o formato, que indicam como a linha é construída em função da tensão e da direção, a força viva do movimento, a expansão, que gera a forma mais concisa da infinidade de possibilidades do movimento, é o que podemos definir como tensão. A direção é a linha ou caminho ao longo do qual alguma coisa se estende, está movendo-se ou está destinada a mover-se, é a linha que se expande através do espaço, como podemos verificar no texto “*Ponto Linha Plano*”, segundo Kandinsky.

A linha não tem somente o aspecto objetivo, a geometria, em relação ao seu caráter construtivo, traduz simbolismos culturais quando empregada por diferentes grupos sociais. Esta invenção do fazer humano provoca uma visão de inventividade no contexto cultural, moldando valores para interpretar os conteúdos dessa linha, como: através da *linha do horizonte*, *linha do trem*, *linha da vida*, *skyline urbano*, e também no que diz respeito aos acessórios e vestuários que para nós, estão manifestos na identidade do fio.

O fio é um exercício de transformação da linha, inicialmente a alteração de um filamento, levando para uma condição de mudança da superfície; é uma linguagem visual que configura situações espaciais. Isto é conseguido quando a forma circundada é percebida como um objeto, e seus arredores, como um fundo vazio. No processo de confecção da peça, a linha muda de função; um material independente transforma-se em objeto de vestuário. A combinação visual das linhas é controlada pela mescla das linhas separadas, e é vista como um todo integrado criando o padrão global do objeto. A linha deixa de ser um objeto individual e é usada como um desenho. Tais sistemas de construção elevam a ordem da linha para uma nova condição: o fio, e do mesmo para o acessório e para o traje.

Para sua existência, nós interpretamos de modo intuitivo as partes e a totalidade da sua forma dentro de uma estrutura interna da peça confeccionada; portanto a linha é ao mesmo tempo, um elemento simples enquanto material, e complexo no seu manuseamento. Somente podemos perceber estas ordenações em função dos seus limites, portanto, o desafio está em como usá-la. Tendo como referência experiências

¹ Adriana Bighetti – Arquiteta e Profª. Universitária dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Moda do Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto.

² Luiz Fernando R. Marzolla – Arquiteto e Prof. Universitário do Curso de Moda do Centro Universitário Moura Lacerda e Unifran.

construtivas, as linhas são recortes expressos pela atitude de modelar no corpo, a compreensão formal dos fios depende das relações de criar um modo inovador de fazer e ser compreendido visualmente em termos novos. O ato criador é a capacidade de compreender, de relacionar, de ordenar, de configurar, de significar. Portanto, uma simples linha através do seu movimento, cria ritmos e fusões que aumentarão e facilitarão a percepção de novas idéias, com mais liberdade e mais criatividade, na configuração do fio.

O potencial criador, basicamente, nos motiva a formar dentro desta constituição íntima da linha, a proposta, o projeto do designer e as aspirações do consumidor, estabelecendo uma função de correspondência cultural entre si, somando-se a este processo, a acumulação consciente de informações diretas ou indiretas do que será executado enquanto objeto. Quando se sente que a solução da ação do ato de criador está entre o limiar da criatividade e o fazer das mãos, um desenho idealizado em projeto é expresso para a compreensão visual da linha. O que será proposto enquanto objeto segue conseqüentemente para as escolhas do material e da sua confecção, neste processo, o que é linha se transforma em fio quando da finalização do objeto.

O absoluto e o fragmento na linha

A linha absoluta é percebida na totalidade da sua espacialidade, que subsiste por si mesma. Seu grau de simplicidade enuncia um sentido completo entre um ponto de fechamento e um gesto único que lhe atribui forma e movimento. Não tem limites visuais, o que interrompe o seu comprimento material é um ponto que pode ser determinado por uma pedra, um metal ou até mesmo, quando duas linhas se tocam. O produto desenvolvido, possui elementos de composição suficientes para sua total compreensão visual, o desenho da linha acaba por enunciar o sentido completo do produto.

Figura 1: Colar cabo



¹ Adriana Bighetti – Arquiteta e Prof^a. Universitária dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Moda do Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto.

²Luiz Fernando R. Marzolla – Arquiteto e Prof. Universitário do Curso de Moda do Centro Universitário Moura Lacerda e Unifran.

Fonte: Arquivo pessoal. Designer: Nando Marzolla

É a partir da linha absoluta que o produto se transforma em linhas fragmentadas estruturais. Dispostas em uma estrutura de repetição, quebrada regularmente ou irregularmente; pequena fração ou parte que dividiu o todo. Quando ocorre a quebra dessa sequência da linha inicial, cria-se uma fileira inteira de linhas que podem estar dispostas na vertical, na horizontal e em desequilíbrio, visualmente ocorre um deslizamento das partes dessa linha. São estudados para a união dos fragmentos, travamentos. O desenho para a criação do produto final, é planejado para ser construído numa seqüência de linhas interrompidas, em balanço ou amarradas por pontos em formatos de contas, pedras, cristais e outros materiais.

As posições escolhidas para as linhas que já estão subdivididas em estruturais e ornamentais, começam a descrever um trajeto, acentuando a peça sobre o corpo humano.

A lírica da linha

A linha lírica é a que se tece com as mãos, o fio do material escolhido pelo artesão, pode ser o couro, o metal, a seda, o algodão, este fio busca no ponto que se move a linha de construção do crochê; ela nasce trazendo a primeira dimensão do que foi planejado pelo autor. O carretel que enrola o longo e ininterrupto fio vai adquirindo a forma pelos movimentos da coordenação fina das mãos; surge a trajetória inicial das retas que se unem na busca de dois pontos de apoio; no encontro das linhas acontece o nó de amarração, que se marca o eixo de outros fios. A medida está no corpo humano, à escolha dessas teias são comandadas pelo olhar certo do arquiteto da moda, as estruturas vão sendo ordenadas na modelo de gesso e visualmente, são expressos movimentos de cheios e vazios ofuscados por pequenos pontos de cristais.

O casquete, este véu dos tempos atuais, está pronto para tocar o corpo da noiva; os fios dos cabelos vinculam-se as linhas habilidosamente trabalhadas. Uma coroa que pousa sobre a cabeça, como um abrigo confeccionado de sonhos interiores que contempla o céu com muitos votos de magia.

¹ Adriana Bighetti – Arquiteta e Profª. Universitária dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Moda do Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto.

²Luiz Fernando R. Marzolla – Arquiteto e Prof. Universitário do Curso de Moda do Centro Universitário Moura Lacerda e Unifran.

Figura 2: Casquete couro



Fonte: arquivo pessoal - Designer: Nando Marzolla

BIBLIOGRAFIA

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo, Thomson Pioneira, 2000.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis, Vozes, 1987.

DEMETRESCO, Sylvia. *Como montar montras*. Porto, Orgal, 2004.

WONG, Wucius. *Princípios de Forma e Desenho*. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto Linha Plano*. Lisboa, Edições 70, 1970

¹ Adriana Bighetti – Arquiteta e Profª. Universitária dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo e Moda do Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto.

²Luiz Fernando R. Marzolla – Arquiteto e Prof. Universitário do Curso de Moda do Centro Universitário Moura Lacerda e Unifran.